

Leitura de notícias e imaginário

Lecturas de noticias e imaginário

News Reading and the imaginary

Gislene Silva¹

Resumo *Pode a leitura de notícias provocar no leitor sensações estéticas, ajudá-lo a organizar significados, nutri-lo de experiências transcendentais? A investigação do jornalismo no âmbito da recepção e como narrativa cultural, potente em sua dimensão simbólico-mítica e imaginária, sugere resposta afirmativa. Leitores da revista Globo Rural, ao relatarem aspectos do pacto de leitura com a publicação, revelam fundamentos que levam a pesquisa a ultrapassar os limites da centralidade do jornalismo sustentada em fatos e acontecimentos objetivos. E, em sendo uma publicação configurada em sua maior parte por matérias de economia, técnicas e negócios agrícolas, as impressões de leitura indicam também a necessidade de se revisitar demarcações entre notícias factuais e não factuais, importantes e interessantes, de interesse público e de interesse do público. O que se pode perceber junto a esses leitores é que, mesmo a partir de empreendimento para a divulgação da realidade, algumas publicações jornalísticas se tornam ficcionais.*

Palavras-chave: *Narrativa jornalística. Leitura de notícias. Imaginário. Imaginação.*

Resumen *¿Puede la lectura de noticias provocar en el lector sensaciones estéticas, ayudarlo a organizar significados, nutrirlo de experiencias transcendentales? La investigación del periodismo en el ámbito de la recepción y como narrativa cultural, potente en su dimensión simbólico-mítica e imaginaria, sugiere respuesta afirmativa. Lectores de la revista Globo Rural, al*

¹ Professora do Mestrado em Jornalismo da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; doutora pelo programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (Antropologia) da Pontifícia Universidade Católica – PUC de São Paulo.

relatar aspectos del pacto de lectura con la publicación, revelan fundamentos que llevan la investigación a rebasar los límites de la centralidad del periodismo sostenida en hechos y acontecimientos objetivos. Y, siendo una publicación configurada mayormente por materias de economía, técnicas y negocios agrícolas, las impresiones de lectura indican también la necesidad de se revisitar las demarcaciones entre noticias de hechos o no, importantes o interesantes, de interés público o de interés del público. Lo que se puede percibir a partir de esos lectores es que, aún a partir de una actividad para la divulgación de la realidad, algunas publicaciones periodísticas se tornan ficcionales.

Palabras-clave: *Narrativa periodística. Lectura de noticias. Imaginario. Imaginación.*

Abstract *Could the reading of news provoke aesthetic reactions in the reader, help him establish meaning, and nurture transcendental experiences? An investigation of journalism in its relation to the reader, and also in its role as a cultural narrative, potent in its mythic, symbolic and imaginary attributes, suggest that the answer is "yes." Readers of the magazine Globo Rural, in relating new attitudes toward the unwritten accord between the reader and the publication, reveal elements which force the researcher to go beyond the notion of journalism based on objective facts and events. Since it is a publication mainly comprised of articles on agricultural economy, techniques and business, the reader's impressions also point to a need to explore the lines between factual and non-factual news, between important and interesting, and between what is of public interest and what is of interest to the public. Despite having the express purpose of publishing reality, it is apparent that some journalistic publications become fictional.*

Keywords: *Journalistic narrative. News reading. Imaginary. Imagination.*

Ao fazer reflexões sobre os estudos de recepção de bens simbólicos produzidos pela mídia, Jesus Martín-Barbero propõe uma abordagem afastada do racionalismo que pensa a relação com os meios somente em termos de conhecimento ou de desconhecimento, e não ideológicos; sugere um resgate indubitável da complexidade da vida cotidiana, a criatividade dos sujeitos, o caráter lúdico e desejoso da relação com os meios (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 54). No campo específico da mídia noticiosa, verificamos preferências investigativas a respeito do que é considerada a centralidade do Jornalismo, a cobertura de acontecimentos, de fatos. Mas, na opção pela investigação da recepção da notícia, é possível avançar para além dessa fronteira. Martín-Barbero, ao nomear as chaves da trama conceitual das pesquisas de recepção na América Latina, inclui os estudos sobre estética da leitura, colocando a interação dialógica e a interlocução como objeto prioritário de investigação cultural. O pacto de leitura não seria mero *feedback*, mas autêntico pacto de leitura social que torna possível não só o negócio jornalístico, mas uma transformação cultural, uma relação prazerosa e não puramente cognoscitiva (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 63).

Em pesquisa que analisa a manifestação do sonho da casa no campo no imaginário rural do cidadão urbano², foi possível observar, a partir da Antropologia, como estudos do imaginário colaboram no entendimento da interação entre sujeitos e produtos culturais simbólicos ou, mais pontualmente, no entendimento do que se passa entre um leitor e uma publicação massiva, entre o assinante e a leitura de uma revista jornalística. Depoimentos dos leitores assinantes da revista mensal *Globo Rural*, ao descreverem o que buscam ou sentem com a leitura da publicação, constroem uma narrativa que aponta para a presença da fantasia, da lembrança, do devaneio, do sonho – vivências geralmente esquecidas nas atividades dedicadas ao cumprimento do pragmatismo

² Silva, Gislene. *O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo* (Tese de Doutorado, São Paulo: PUC/Antropologia, 2000). A pesquisa foi elaborada a partir de entrevistas com leitores da Revista *Globo Rural*, residentes na cidade de São Paulo, e que não possuem nenhuma propriedade agrícola.

instituído pela racionalidade do pensamento, como é o caso tanto da produção como do estudo da notícia sustentada no fundamento inaugural da objetividade jornalística.

Muitas configurações do imaginário dos leitores urbanos assinantes de *Globo Rural* são facilmente percebidas em seu depoimento sobre as relações com a metrópole São Paulo, com o passado e lembranças do meio rural ou infância, e na própria descrição que fazem da casa de campo imaginada. Neste momento, interessa mais focalizar os aspectos do imaginário sugeridos no pacto de leitura da revista. Porém, é importante ressaltar que os relatos específicos sobre a leitura só podem ser apreendidos em sua integridade localizando tal narrativa no contexto dos sentimentos do tempo presente vivido na metrópole, do tempo passado e do sonho da casa de campo, no futuro – importante igualmente localizá-la na estreita ligação entre memória e imaginação. Pelo que foi dito pelos leitores, percebem-se duas atitudes ou dois modos de sentir. O devaneio com a casa no campo parece atender à satisfação de sonhar, recordar, e assim substituir a concretude do projeto, da busca da própria realização do sonho. Mas, diante de toda a crítica que os leitores urbanos fazem à metrópole em que vivem, parece também que o sonho acordado com a casa no campo, estimulado pelo contato rotineiro com a revista, atua como propulsor da vontade de transformação da vida. Entende-se melhor a questão de como textos e imagens da revista levam os leitores a tal sonho mítico, ouvindo o que eles próprios dizem das sensações e sentimentos que a leitura da publicação lhes provoca. Uma leitura que confirma a coleta e uso das informações técnicas em projetos bastante estruturados e, ao mesmo tempo, aciona o prazeroso e descompromissado devaneio com uma vida vivida junto à natureza.

Um devaneio que independe de esforço e que escolhe como quer sua hora e seu lugar, de modo tão livre e involuntário como a memória. Como bem disse Pedro Nava, “(...) às vezes não adianta violentar e querer lembrar. Não vem. (...) Somos conduzidos pela preferência do espírito que é fuga, distração, descanso lúdico (...) Ave solta”³. Tanto a

³ In Maria Arminda do Nascimento Arruda, *Mitologia da mineiridade*, p. 209.

recordação como o sonho acordado podem ocorrer inesperadamente dentro de um ônibus lotado no engarrafamento depois de um dia de trabalho, no tropeço numa pedra irregular do calçamento, num simples perfume que passa com alguém pela rua. Mas não se pode deixar de considerar as tentativas voluntárias em estimulá-los, no aconchego de uma rede, numa cadeira de balanço, no travesseiro minutos antes de dormir, ou mesmo na leitura que se faz de uma publicação jornalística como a revista *Globo Rural*, viajando no texto e na contemplação das fotos. Voluntária ou involuntariamente, e independente de que tempo e espaço, o devaneio ou o sonho acordado se instauram.

Vejamos alguns fragmentos das entrevistas⁴ com esses leitores, que dizem respeito particularmente à leitura da revista e à narrativa que daí constroem:

(Dona Derci, de São Matheus)

A gente assina a *Globo Rural* pra ler e recordar. Tem a ver com a gente. A revista fala da cultura do campo, onde está minha origem. Ele [marido] sempre pega ela primeiro e lê; ele tem uma coisa mais forte com agricultura.

(Neuza, da Cohab do Capão Redondo)

Para mim, essa revista traz muita saudade. Saudade de um tempo que eu era criança. É também uma saudade do que está por vir. É como eu te falei da minha imaginação. Eu me transporto. Por exemplo, ela abrange boi, vaca, gado de leite, você começa a imaginar ou você, que já teve um pedacinho de terra, então você gostaria de estar ali com aqueles produtores de leite; pois é natureza, é vida. Quando a *Globo Rural* fala de flores, você vê a pureza com que os plantadores tratam aquilo. Aí eu vejo a cabe-

⁴ As entrevistas, na tese, foram subdivididas em conteúdos sobre relação com o tempo presente (na metrópole São Paulo), com o tempo passado (no campo ou infância), com o tempo futuro (descrição da casa de campo sonhada) e com a própria revista (leitura). A nomeação dos leitores aqui repete a identificação pela qual foram tratados ao longo de toda a tese, na qual constam dados mais completos sobre esses moradores da cidade de São Paulo.

ça que meu filho tem, gostando de liberdade, da terra...

(Sr. Rubens, caçador de onça)

Eu sou assinante da *Globo Rural* e admiro. Leio muito. Para minha tristeza vejo muita coisa boa e eu moro em apartamento e fico com raiva... é um martírio ver tanta coisa boa. Por exemplo, a *Globo Rural* traz uma página do sertanista Villas-Boas. Eu não perco, conheço a região, já fui viajando certa vez para ver uma fazenda no Mato Grosso e me embrenhei naquela região, onde tem a reserva do Xingu, que delícia! A natureza fala mais alto pra gente, é Deus na gente... então eu leio a *Globo Rural*. Eu tenho capacidade de assimilar tudo que eu leio. Tenho condição de comparar os sentimentos com aqueles que eu já sei e já conheço. Uma vez saiu uma reportagem sobre um touro famoso... Ludy de Garça! e eu fiquei naquela gravura, perdido, pois eu tinha um touro como aquele e fiquei pensando naquele touro... depois, veio a notícia que ele morreu. Como eu vivi aquilo! Vem, digamos, alguém arrancando batatas... eu vivo aquilo ... tangendo um gado... eu vivo aquilo. Então me faz muito bem. Olha, em síntese, eu não perco nenhuma página. Até as historietazinhas que vêm ali... ah, como são gostosas. Então eu devo confessar que sou um apaixonado pela *Globo Rural*. Quando leio a revista eu aprendo tanta coisa... A gente aprende hoje o aproveitamento da terra, um aproveitamento mais científico, não usando muita terra. Eu tenho vontade de voltar a engordar boi numa área pequena.

(João, professor de desenho técnico)

Leio a revista desde que começou. Tenho a número 1. Fico contente com as informações, além de matar um pouco a saudade do meu interior. Quando eu leio até comparo as técnicas de hoje com as que eu usava e com as que eu aprendi na escola. Eu gosto das técnicas de criação de animais, capivara, boi. Tem coisas que eu comento com meu pai. Às vezes eu até levo a revista pra ele. Adoro umas coisas que aparecem lá. Há pouco tempo saiu o “Ser mineiro”, eu não sou baírrista, mas... Com a revista eu me transfiro pra lá, pro meu tempo. Eu gostaria de ir naquele lugar onde tiraram a foto. Você vê fotos de Minas onde tem uma plantação e logo atrás tem uma mata virgem...

(Francisco, do Piauí)

A *Globo Rural* é uma revista que mantém as informações rurais, e eu ainda mato a saudade. Eu leio a revista pra sonhar, para alimentar o meu sonho. Serve de terapia. Aí, quando vou dormir, e estou sem sono, começo a ver a terra... como eu vou fazer...

(Cláudio, o japonês da Internet)

Eu até comprei uns números atrasados, comprei vários. Eu não deixo minha filha cortar a revista. Sabe que muitas vezes eu tiro xerox de uma matéria e passo para as pessoas? Eu acompanho tudo e leio. Muitas vezes as pessoas até acham esquisito. Minha esposa e outras pessoas que pegaram em enxada me dizem: mas, como você, que nunca trabalhou na roça, sempre morou em São Paulo, quer saber mais do que a gente?

(Wanda, da Vila Madalena)

Como eu leio muitas coisas de cunho técnico, eu assino essas revistas mais relaxantes. Da mesma forma, eu optei pela *Globo Rural*. Talvez até em função do programa [*Globo Rural/TV Globo*] que eu assistia; assistia principalmente com meu pai. Como eu já gostava do programa, eu acabei comprando para ver o que saia lá na revista. Mais por curiosidade. Eu queria ler para saber do que eu ia gostar do campo. Eu queria sentir que eu gostava de alguma coisa de lá. A *Globo Rural* transporta a gente, é um horizonte... alimenta o nosso imaginário.

(Luiz, o paisagista)

Eu não leio na revista matérias muito técnicas. Me interesso por algumas partes, sobre plantas ornamentais, animais silvestres, ecologia. Tiro algumas ideias para usar... É impressionante o que aparece nas fotos.

(Magali, do clube de recreação)

Queria uma revista que falasse de várias coisas da terra. Eu ia me interessando por aquelas imagens. Minha cabeça ia voando. Lendo a revista eu

fico mais perto do meu sonho rural. A *Globo Rural* me faz viajar por todos aqueles lugares e viver diversas situações. Eu adoro a seção de receitas. Copio as receitas e ponho no microcomputador. Ler a revista é gratificante. Sonhar que talvez algum dia eu possa viver no campo, com meu filho, que também sonha. Quando eu leio, eu sinto o gosto rústico das coisas.

(Antonio, aposentado do setor automobilístico)

Eu leio tudo, sobre alimentação, piscicultura, análise de solo... Gosto das receitas, e faço. A revista me distrai. Ah! Eu sonho na leitura, crio as imagens... vejo um cavalo, é o “meu cavalo”. Viajo, visualizo ele na baia, nas redondezas...

(Roberto, digitador, da Vila Formosa)

Fico lendo, olhando e pensando: será que um dia vou ter uma coisa dessa?

(Walquíria, professora aposentada)

A revista supre essa parte, pois a gente não teve família no interior. Nós não tivemos essa infância. E a gente não viaja, então a gente lê aquele artigo. Tudo isso supre essa coisa de nunca ter morado no mato. Sabe o que a revista faz com você? Você fica se imaginando lá. Olha lá, olha lá que lugar lindo!!!... Olha aquele caminho!! Você viaja ali, é como se estivesse andando por lá. A gente penetra nas fotos, querendo estar no local. A gente sai da cidade mentalmente.

(Jaime, dos eventos sertanejos)

Lendo a revista, na seção de culinária, aparece um monte de coisas simples que dá para fazer. Pão de queijo eu não sabia e aprendi na *Globo Rural*. Ela ensina técnicas e a manejar alguma coisa. Também, quando a gente lê um texto começa a sonhar. Quando você vê a produção artesanal de pinga já começa a imaginar o lugar. A revista aproxima a gente do campo, é o elo na viagem entre os dois espaços. Tem também um outro lado: a revista procura trabalhar a cultura do povo. Não esquece que o homem do campo tem uma cultura que é própria dele. Que essa cultura poderia entrar em extinção. E

deve ser preservada. É o homem que faz arreo à mão; o ferreiro que faz o serviço à mão está desaparecendo... a *Globo Rural* acha eles... o fabricante de berrante. Todas essas coisas que têm ligação com a cultura do povo. O Brasil sempre valorizou mais os espaços urbanos.

(Valdir, professor de inglês)

Eu comecei a me sentir muito longe do campo, e estava buscando coisas para fazer na minha propriedade em Caraguatatuba. É praia lá, não é bem rural, mas nós plantamos muitas árvores. Temos vinte e seis coqueiros plantados, duas mangueiras, plantação de abacaxi. Onde eu iria buscar informação? Numa revista como a *Globo Rural* vou buscar reportagens sobre flores, sobre animais, coisas antigas, coisa do campo mesmo. Sempre que eu deito, à noite, para fugir dos problemas eu penso nas coisas lá.

(Ivan, corretor de seguros)

Tem vezes que você lê a matéria com tanta empolgação que você se sente ali, querendo fazer aquilo (...) Como falar que não gosta de Folia de Reis se a pessoa nunca dançou uma, não participou? As datas... eu já não tenho noções das datas [das festas populares], e é bom a revista falar. Em São Paulo a gente já não tem mais essa noção. Se você fica em São Paulo, isso cai no esquecimento.

Do ponto de vista da imaginação sonhadora, a leitura das matérias, sobre lugares das mais diversas regiões do País, transporta o leitor para o mundo rural, combinando lembranças com a “saudade do que está por vir”. Serve de terapia, alimenta o sonho, mata a saudade do interior, transfere o leitor para outros tempos e espaços, tira-o mentalmente da cidade. Faz com que ele viaje, com que sua cabeça voe, com que sua boca sinta o gosto rústico das coisas. A revista faz o leitor ficar “naquela gravura, perdido”, “viver aquilo”. É a *utilidade do inútil* de que fala Gaston Bachelard. O leitor “penetra” nas fotos, como se hipnotizado pelas paisagens, que são os olhos da revista. Ao descrever a luz acesa

vista por uma janela da casa rural, dentro da noite escura, Bachelard diz que “a casa iluminada é o farol da tranquilidade sonhada. (...) A janela na casa dos campos é um olho aberto, um olhar lançado para a planície, para o céu longínquo, para o mundo exterior num sentido profundamente filosófico” (BACHELARD, 1990, pp. 88 e 89).

Por analogia, tomemos as fotos da revista como janelas. Janelas por onde os leitores urbanos debruçam-se para olhar, vazando os prédios e os ruídos da metrópole, as campinas, a mata, a horta, o jardim, o pasto, o rio, os pássaros, o silêncio e a calma. Janelas por onde entra a luz que ilumina a casa dos seus sonhos. Fotos que dão colorido ao texto de matérias jornalísticas, transportando os leitores da revista em viagens, *alimentando seu imaginário*, tanto nas lembranças dispostas como quadros na memória quanto no sonho da casa imaginada. Em referência ao fascínio que a jardinagem despertava nos moradores das cidades, já nos séculos XVII e XVIII, Keith Thomas ressalta que aqueles que não tinham o privilégio de possuir um jardim de verdade não deixavam de ter vasos para flores e plantas; e, na falta disso, tinham pelo menos uma gravura de flores na parede, para satisfazer sua fantasia (THOMAS, 1988, p. 280).

Gilbert Durand, discutindo a ocularidade, afirma que “o fato de ver e de dar a ver está à beira de uma poética. O que dá conta das artes fotográficas: ‘a objetiva’ da máquina fotográfica, sendo um ponto de vista, nunca é objetiva. A contemplação do mundo é já transformação do objeto” (DURAND, 1997, p. 409). O próprio Bachelard observa que os fotógrafos de gênio sabem dar duração aos seus instantâneos, uma *duração de devaneio* (BACHELARD, 1988, p. 115). No contexto da comunicação, como entende Maria Celeste Mira, as fotos nas revistas seriam janelas “através das quais vemos o mundo; lentes indiscretas, pelas quais espiamos a vida dos outros; vitrines dos produtos oferecidos ao nosso consumo, real ou simbólico; espelhos, nos quais buscamos encontrar nós mesmos” (MIRA, 1997, p. 328). A relação do leitor com as fotos e com a narrativa das matérias da revista pertence à abrangente herança dos universos simbólicos.

Desse modo, *viendo* através da janela imaginária da revista, os leitores distanciam-se do presente para rever e transver, para recordar e sonhar. Henri Bergson enfatiza que essas imagens-lembranças, aqui vinculadas às imagens do sonho acordado, nos ocorrem quando nos desvencilhamos do pragmatismo do presente; por isso, “para evocar o passado em forma de imagem é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo” (BERGSON, p. 63). Qualquer homem tem essa capacidade e, no momento em que a exerce, é como se fosse um artista. A condição da arte, diz Leopoldo e Silva, é o relaxamento da tensão diante do útil, do pragmático; então, “o que para nós parece criação é fruto dessa descontração, dessa distração pela qual o espírito se distende e, por desatenção, percebe mais e mais profundamente” (LEOPOLDO e SILVA, 1992, p. 146).

O *dar valor ao inútil*, de Bergson, ou o devaneio e sua *função do irreal*, de que fala Bachelard, são tomados comumente como delírio, desvario, fantasia, fuga de si mesmo; mas podem ser o contrário disso. Nessas viagens tenta-se a busca por si mesmo. Vários estudiosos chegaram a essa conclusão. Para Mircea Eliade, trata-se da nossa *sede pelo ôntico*. Aconselha-nos a ver no desejo de proximidade junto à natureza, no sonho com a volta à inocência primeira, com o estado de bem-estar, com o habitar a felicidade do mundo – tal qual faz o homem primitivo em seu eterno retorno – uma *ontologia arcaica*, esforço no sentido de não perder contato com o ser, de experimentar uma plenitude espiritual (ELIADE, 1992, p. 81). Durand diz o mesmo, que a nostalgia da infância, ignorante da morte, é consubstancial à *nostalgia do ser* e do movimento contra o tempo, contra o destino mortal; e que o imaginário é marca de uma vocação ontológica (DURAND, 1997, pp. 402 e 432). Ou, segundo Campbell, o que a alma pede é transcendência (CAMPBELL, 1990, p. 55).

Quando os leitores da revista entregam-se ao devaneio, viajando no texto e nas fotos, estão em busca de algo que lhes é muito próprio, essencial. “Parece que habitando tais imagens, imagens que nos tornam estáveis também, recomençariamos outra vida que seria nossa, nas profundezas do nosso ser.

Ao contemplar tais imagens, (...) *ruminamos primitividade*”, interpreta Bachelard, chegando à conclusão de que a alma é uma morada e, por isso, quando nos lembramos das casas, dos aposentos, aprendemos a *morar em nós mesmos* (BACHELARD, 1984: pp. 218 e 197). “O devaneio ajuda-nos a habitar o mundo, a habitar a felicidade do mundo” (BACHELARD, 1988, pp. 13 e 23). O devaneio do dia se beneficiaria, então, de uma tranquilidade lúcida, diferente daquela consciência de “ausência de preocupações”; ele “não perduraria se não tivesse a nutri-lo as imagens da doçura de viver, as ilusões da ventura” (BACHELARD, 1988, p. 60). O devaneio ou o *sonho acordado* moveriam o sonhador no sentido do bem-estar, entregue livremente aos caprichos de sua imaginação.

Essa abordagem retoma a estreita ligação entre imaginação e memória. Muito do que os leitores da revista imaginam tem sustentação nas lembranças. De acordo ainda com Bachelard, temos

(...) num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. (...) Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso. Então, a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida (BACHELARD, 1988, p. 99).

No *devaneio de leitura* da revista *Globo Rural*, as matérias publicadas parecem preches de beleza, verdadeiramente poéticas, acolhida para o enfrentamento da vida diária, regida por trânsito pesado, tempo perdido, poluição e, principalmente, violência. Quando dizem que a leitura da revista os transporta para outro lugar é como se afirmassem que deixam de ser prisioneiros de uma rotina insatisfatória, sem encantamento, sem experiência estética, sem poesia. É o universo imaginário do devaneio contra a irracionalidade do mundo objetivo – no caso, o imaginário rural do leitor urbano estimulado por seu presente vivido justamente na metrópole.

Porém, para Durand, o imaginário, longe de ser epifenômeno passivo, aniquilação ou, então, vã contemplação de um passado terminado,

manifesta-se não só “como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo, (...) como ordenança do ser às ordens do melhor” (DURAND, 1997, pp. 397 e 432). Por trás dos sonhos míticos e arquetípicos que agem, sejam ações imaginárias ou práticas, encontramos o *princípio da esperança*. Coerentemente, na percepção de Bachelard, os arquétipos são reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amar o mundo, a criar o nosso mundo (BACHELARD, 1988, p. 119). Assim como os mitos asseguram aos homens a perenidade, os sonhos mais comuns, como o da casa no campo, também revelam uma luta contra o tempo e a morte. Enquanto a revista é lida e os devaneios correm soltos, é como se houvesse a domesticação da temporalidade. E, no dia a dia da cidade, esses sonhos, além de deixar a vida mais leve, assegurariam aos sonhadores a esperança de alcançar o paraíso terrestre. “É a saudade enraizada no mais profundo e no mais longínquo do nosso ser que motiva todas as nossas representações e aproveita todas as férias da temporalidade para fazer crescer em nós, com a ajuda das imagens das pequenas experiências mortas, a própria figura da nossa *esperança essencial*” (DURAND, 1997, p. 403). Só sonha quem acredita na espera.

Quando Walter Benjamin diz, a respeito do narrador, que “a memória é a mais épica de todas as faculdades”, ele buscou inspiração em comentário de Georg Lukács sobre a luta do romance contra o poder do tempo, combate no qual “emergem as experiências temporais autenticamente épicas: a esperança e a reminiscência” (BENJAMIN, 1987, pp. 210 e 212). E não tem sido outra a ação do imaginário, percebida no pacto de leitura da revista, senão a de acalmar e proteger alguns leitores metropolitanos contra a finitude do tempo, de um tempo cada vez mais acelerado, dando a eles “o luxo da emoção estética” como contraponto à “objetividade morta”.

É a objetividade que baliza e recorta mecanicamente os instantes mediadores da nossa sede, é o tempo que distende a nossa saciedade num laborioso desespero, mas é o espaço imaginário que, pelo contrário, reconstitui livremente e imediatamente em cada instante o horizonte e

a esperança do Ser na sua perenidade. E é de fato o imaginário que aparece como (...) coração vivo da alma (...). Nesta função fantástica reside esse “suplemento de alma” que a angústia contemporânea procura anarquicamente sobre as ruínas do determinismo, porque é a função fantástica que acrescenta à objetividade morta o interesse assimilador da utilidade, que acrescenta à utilidade a satisfação do agradável, que acrescenta ao agradável o luxo da emoção estética, que, numa assimilação suprema, depois de ter semanticamente negado o negativo destino, instala o pensamento no eufemismo total da serenidade ou da revolta filosófica ou religiosa. E, sobretudo, a imaginação é o contraponto axiológico da ação. (...) a faculdade do possível, a potência de contingência do futuro. (DURAND, 1997, p. 433)

Leitores urbanos, como inúmeros outros brasileiros atropelados em seu universo de tradições pela brutalidade do processo de urbanização e da economia moderna, mais especificamente por esse tempo de capitalismo avançado, também fazem parte hoje do que Edgard de Assis Carvalho chama de “saga imaginária que o mundo tradicional construiu para si próprio”. Sejam moradores rurais de áreas urbanizadas ou habitantes metropolitanos – brasileiros como esses leitores da *Globo Rural* que vivem em São Paulo –, essas pessoas conseguem associar dimensões culturais e afetivas da vida rural com os contrastes dos ritmos contagiantes da modernidade e “até refugiarem-se em utopias que revitalizam o vivido, prefigurando um mundo mais autêntico e saboroso, povoado de homens mais totalizados, situados talvez mais próximos da natureza” (CARVALHO, 1992, pp. 108; 104). Seria uma modalidade de *utopia rústica* que, assim como as tradições rurais e o próprio bucolismo, contemplariam “não a visão fatalista de um mundo rural perdido e ultrapassado, mas a desconfiância para com a vida moderna e seus investimentos tecnológicos insensíveis, rotinização dos tempos de trabalho e outros cinismos consentidos”⁵. A rusticidade não é necessariamente rural, prega o personagem central

⁵ O artigo de Edgard de Assis Carvalho trata de *Parceiros do Rio Bonito*, indispensável obra de Antonio Candido sobre a cultura caipira e o fenômeno de urbanização no Estado de São Paulo.

de *Voyage au Pays de l'Utopie Rustique (PUR)*, de Henri Mendras, que acredita na cidade dentro do campo, no projeto de uma urbanização em harmonia com a natureza. Pois quanto maior é a sensação de separação da natureza, maior é o sentimento de necessidade de a ela retornar. Entre os moradores da metrópole, esse desejo tem mil feições. Uma delas revela-se no sonho mítico com a casa no campo, sonho que acalanta a imaginação do leitor urbano e cria em sua subjetividade o que Freud nomeia como reserva natural de imaginário.

A criação do domínio mental da fantasia encontra um paralelo perfeito no estabelecimento de “reservas” ou “parques naturais” em lugares onde as exigências da agricultura, das comunicações e da indústria ameaçam ocasionar mudanças na face original da terra que logo a tornarão irreconhecível. Uma reserva natural conserva o estado original que em todas as outras partes foi, para nosso pesar, sacrificado à necessidade. Todas as coisas, incluindo o que é inútil e mesmo nocivo, nela podem crescer e proliferar livremente. (Freud in WILLIAMS, 1989, p. 288)

Tal imaginário é alimentado pela leitura da revista. Em uma época de desenvolvimento sem precedentes dos meios de comunicação, as reportagens são prova de novas composições entre real e ficção. O que se percebe junto a esses leitores é que, mesmo a partir de empreendimento para a *divulgação da realidade*, algumas publicações jornalísticas se tornam *ficcionais*. Se observarmos, em outros depoimentos, as referências a atividades culturais, veremos que os leitores da revista *Globo Rural* falam algumas vezes sobre o ato de ir ao cinema, embora não especifiquem filmes; vários falam de música, tanto sertaneja como popular; um deles⁶ faz manifesto à cultura

⁶ O leitor Jaime Balbino nos deu seu depoimento um dia após a morte do cantor Leandro, da dupla sertaneja Leandro e Leonardo. Contou, emocionado, sua ida ao velório. Naquela semana, o jornalista Fernando Barros e Silva escreveu na *Folha de S. Paulo* (28/06/1998) sobre a comoção e o desconsolo coletivo: “A morte de Leandro parece privar milhões de pessoas do conforto de um passado, por miserável ou simplório que seja, que lhes foi arancado pelo Brasil dito urbano, sem que no entanto elas tivessem sido integradas à cidadania ou ao consumo que lhes prometiam”.

sertaneja/folclore e outro lembra de alguns escritores clássicos. Nesse contexto, a leitura da revista parece preencher função estética e artística. A leitura desse produto massivo exerce nesses leitores urbanos semelhante capacidade de organizar significados e coisas, como fazem a literatura e outras artes para os mais instruídos. Como uma obra literária, a revista funciona para esses leitores, mesmo se de forma precária, como incitação a transcender o tempo e o espaço. Não se trata de novidade o fato de produtos da cultura midiática alcançarem tal significação. Muito está sendo discutido sobre a recepção ativa de veículos massivo-populares⁷.

No caso específico da *Globo Rural*, a publicação privilegia os personagens, suas histórias e ambientações. Eles ganham destaque nas aberturas do texto e nas fotos mais do que os números de sua produção e rendimentos. Em sua própria autoimagem, a revista se vê fazendo o resgate de nós mesmos, brasileiros, de nossa vitalidade própria, do diálogo fascinante entre o nosso futuro e nossa identidade, ambiental ou cultural. Não podemos discordar de Walter Benjamin quando diz que a imprensa contribui para a morte da narrativa. “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes” (BENJAMIN, p. 203). Porém, arrisco-me a suspeitar que, em casos específicos, matérias jornalísticas são capazes de provocar sensações estéticas ricas e nutrir muitos espíritos desejosos de experiências transcendentais. Se antes o papel de conservatório de símbolos e mitos cabia à religião e depois foi transferido às grandes artes e mais tarde ao cinema, hoje algumas publicações conseguem, mesmo que com outros propósitos declarados, alimentar em seus leitores o imprescindível luxo da fantasia e experiência poética.

Antonio Candido defende magistralmente o argumento de que todos nós temos direito à literatura, incluindo as mais variadas criações, das

⁷ Cf. obras de Jesus Martín-Barbero. Ver também Silvia Borelli, *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*.

lendas e do folclore às formas dramáticas e ficcionais mais complexas. Diz que não há como viver sem contato com alguma forma de fabulação.

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura a presença indispensável deste universo. E durante toda vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito –, como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (ANTONIO CANDIDO, 1995, pp. 235 - 286).

Concordando com esse direito ao repertório fantástico, e considerando que a imprensa é carregada de ficcionalidade, este estudo permite identificar a presença de tais aspectos na leitura que os leitores fazem da revista *Globo Rural*.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade; o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 3ª.ed.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória; ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- BERRINI, Beatriz. *Utopia, utopias: visitando poemas de Gonçalves Dias e Manuel Bandeira*. São Paulo: Educ, 1997.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Educ: Estação Liberdade, 1996.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson. In: *Revista Margem*. São Paulo: PUC, número 1, março/1992.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Imagens da tradição. In: Maria Angela D'Incao; Eloísa Faria Scarabôto (orgs). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*; São Paulo: Cia. das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário; introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito (Mith and Reality)*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Bergson, Proust: tensões do tempo. In: *Tempo e história*. Aduato Novaes (org.). São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: Mauro Wilton de Sousa (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MENDRAS, Henri. *Voyage au pays de l'utopie rustique*. Lyon: Editions Actes Sud, 1979.
- MIRA, Maria Celeste Mira. O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril (Tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 1997.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- MORIN, Edgar. *O cinema e o homem imaginário; ensaio de antropologia*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água/Grande Plano, 1997.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 1976. 2ª ed.
- MORIN, Edgar Morin e Anne Brigitte Kern. *Terra-Pátria*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993.

- MORIN, Edgar Morin e Jean-Louis Le Moigne. Universalidade, incerteza, educação e complexidade. In: *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- SILVA, Gislene. *O imaginário rural do leitor urbano; o sonho mítico da casa no campo*. (Tese de doutorado). PUC-SP/ Programa de Ciências Sociais/Antropologia, 2000.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural; mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

